



*A impressionante história de um americano que em abril de 1961 foi jogado num dos medonhos cárceres de Fidel Castro, acusado de espionagem*

## Eu Fui Prisioneiro de Fidel Castro

*Drexel Gibson*

**Q**UANDO cheguei ao meu escritório em Havana, na manhã de 19 de abril de 1961, encontrei à minha espera cinco agentes da temível G-2, ou polícia secreta, de

Fidel Castro. Pareciam ridículamente jovens para a função—alguns não teriam ainda 20 anos—mas era evidente que sabiam o que fazer. Já tinham vasculhado os meus ar-



quivos e gavetas, e então fizeram-me esvaziar os bolsos. Por fim, um deles disse:

—O senhor vai conosco.

Partimos em silêncio. Eu não estava muito assustado. A malograda invasão pela Baía dos Porcos ocorreria naquela semana e era natural que eu fôsse considerado suspeito: era eu um dos poucos cidadãos americanos que ainda permaneciam em Cuba. Mas era exclusivamente homem de negócio—dono e diretor, por concessão, da Escola Berlitz de Línguas—de maneira alguma envolvido em conspirações ou política. Estava certo de que dentro de poucas horas seria pôsto em liberdade.

Quando paramos à porta da G-2 chegaram outros automóveis cheios de presos. Milicianos armados de submetralhadoras tchecas escoltaram-nos até ao interior do prédio, que já estava superlotado. Mulheres gritavam que as tinham arrancado de seus lares sem que ficasse ninguém para olhar por seus filhos. Um homem abraçava-se ao filho, chorando ambos. Contou-me o pai que outro filho fôra morto a tiros, na frente dos dois pela polícia secreta, ao tentar fugir.

Cada vez mais chegavam detidos. Tinha-se a impressão de que Castro ordenara prisões em massa para infundir terror e prevenir qualquer levante na onda da recente invasão. Soubemos depois que tôdas as prisões de Cuba estavam abarrotadas; que escolas, praças de esportes e casas de espetáculos tinham sido trans-

formadas em cárceres. Calculava-se em 300.000 o número de presos, ou seja, um cubano em 20.

Fotografaram-me, tiraram-me as impressões digitais. Conduziram-me pela rua até uma antiga residência particular. Já devia haver mais de 200 pessoas amontoadas no primeiro pavimento. Um cubano sentado ao chão, todo curvado, perguntou-me:

—Você é americano? Seja bem-vindo ao nosso clube. Somos todos vítimas dêsse filho... dêsse Castro.

À medida que as horas se arrastavam, os guardas abriam a porta e chamavam os que iam ser interrogados. Não me chamaram, e fui ficando cada vez mais preocupado. Contudo, ainda alimentava a esperança de que não tardaria a livrar-me daquilo, pois ao ser prêso eu pedira a um dos meus empregados que avisasse a Embaixada da Suíça em Havana, que então tratava dos interêsses dos Estados Unidos em Cuba.

Eu vivia em Cuba desde 1958, quando empreguei ali as economias de tôda a minha vida numa escola de línguas. O negócio prosperou; gostávamos do clima maravilhoso e do povo cubano. Tenho conhecido poucas pessoas tão alegres e cordiais como os cubanos. Mas em 1960 meu filho de nove anos adoeceu gravemente e minha espôsa levou-o, juntamente com minha filha, de volta aos Estados Unidos. Washington rompeu relações diplomáticas com Cuba em janeiro de 1961, e a maior parte dos homens de negócio norte-ameri-



canos retornou à pátria. Eu relutava em abandonar a minha escola, mas por fim resolvi partir também. Reservara passagem num avião que partia para Miami em 21 de abril. Dois dias antes fui prêso.

Estive prêso dois dias naquela casa antes de ser interrogado.

—Sabemos que você é espião— disse-me um agente da G-2.—Sabemos que você pertence à CIA (Agência Central de Informações) e ao FBI. Por que não confessa?

Não sei como êles haviam sabido que durante a Segunda Guerra Mundial eu fôra incumbido de medidas rotineiras de segurança para a Zona do Canal do Panamá. Como eu protestasse jamais ter tido qualquer ligação com a CIA ou com o FBI, o agente da G-2 teve um sorriso de mofa. Ao que tudo indicava, êles desejavam um “julgamento espetacular”, em que eu representaria o papel de espião profissional norte-americano confesso.

O interrogatório prosseguiu durante alguns dias. Agentes da G-2 interrogavam-me por turnos. Quando eu cochilava de exaustão, cutucavam-me para me acordar, gritavam, adulavam. Um dos interrogatórios durou dez horas. Entre um e outro eu me encolhia no chão entre uma porção de presos e procurava dormir.

Altas horas, numa noite chuvosa—devia ser em começos de maio—ordenaram-nos que saíssemos e embarcaram-nos em ônibus que estavam à nossa espera. Quando per-

cebi o rumo que seguiam os ônibus, senti um apêto no coração. Só podíamos estar a caminho de La Cabaña, a velha e sinistra fortaleza erguida no tôpo de um outeiro que domina a Baía de Havana, cuja história está escrita com sangue. Centenas de homens morreram diante de pelotões de fuzilamento no fôso dessa fortaleza.

Em La Cabaña existem dez calabouços de pedra chamados *galeras*, construídos há dois séculos. Parecem túneis: de uns seis metros de largura por 30 de comprimento, sem uma só janela. No fundo de cada um existe uma abertura gradeada, que lembra uma porta, por onde entram a luz e o ar. Mandaram-me para a *galera* n.º 13. Éramos 200 presos dentro dela.

Meus companheiros de prisão procediam dos mais variados níveis—havia médicos, operários, fazendeiros e professôres. O mais môço tinha 14 anos e o mais velho 80. Alguns tinham pertencido, como oficiais, ao exército ou à marinha de Castro, ou tinham sido funcionários civis no seu govêrno. Alguns sem dúvida faziam parte da resistência anticastrista, porém a maioria fôra detida ao acaso, ou por serem notòriamente anticomunistas ou por terem feito críticas ao regime. O próprio Castro afirma que os seus grupos de Defesa da Revolução—delatores—sommam um milhão de membros, sendo de seis milhões a população do país.

Um grupo de prisioneiros, quase 20 homens, compunha-se de eletri-



cistas. Tinham sido presos em princípios de 1960 ao protestarem contra a tomada do seu sindicato pelos comunistas. Seu advogado também estava recolhido a La Cabaña. Cometera o crime de protestar legalmente contra a prisão dos operários.

Até um homem de quarenta e poucos anos, que fôra agente da G-2 na Província de Las Villas, integrava o nosso grupo. Contou-nos êle que durante 20 anos fôra comunista, mas perdera a confiança no comunismo ao vê-lo praticado por Fidel Castro.

—Creio que eu falava demais— disse o homem.—Um dia meus próprios homens me agarraram e me trancafiaram numa cela.

Baseado em suas próprias experiências de agente da G-2, informou os demais prisioneiros sôbre as penas que lhes seriam impostas. Quanto a êle mesmo, não alimentava qualquer esperança. Conhecia demais a G-2.

De vez em quando prisioneiros eram convocados a julgamento. Os juízes são jovens oficiais do Exército, alguns quase analfabetos. A G-2 dita-lhes antecipadamente a sentença a ser proferida. O “julgamento” se processa em poucos minutos e o réu é reconduzido à sua *galera* para aguardar a execução ou transferência para a Ilha dos Pinhos, ao largo da costa sul-oriental de Cuba, a fim de cumprir uma longa pena de prisão. Para fins de propaganda no exterior, Castro interrompeu as execuções logo depois da tentativa de

invasão. Foi só enquanto tentou obter a troca dos invasores capturados por tratores norte-americanos. A seguir, em setembro, reiniciaram-se as execuções por vingança. Sabe-se que cêrca de 1.000 pessoas foram executadas desde quando Castro subiu ao poder, em janeiro de 1959. O tributo de sangue deve ser hoje muito maior.

Os agentes da G-2 eram especialistas em tortura psicológica. Vários prisioneiros contaram-me que tinham sido submetidos a execuções simuladas, num desesperado esforço dos seus inquiridores para que “confessassem”. Um rapazinho de 16 anos enlouqueceu. Êle, o pai e o irmão mais velho foram enfileirados junto ao paredão de fuzilamento. Os fuzis foram disparados e o pai e o irmão caíram mortos ao lado dêle. O rapazinho, deliberadamente poupado, foi levado para nôvo interrogatório. A última notícia que tivemos dêle foi que estava no hospital de alienados de Mazorra, nos arredores de Havana.

Outros eram submetidos à “roleta russa”. Um electricista contou-me que lhe mostraram um revólver carregado com uma única bala. Apontaram-lhe o revólver à cabeça, fizeram girar o tambor e . . . bum! —um tiro de pólvora sêca foi dado com outra arma, bem às costas dêle. Isso, asseguraram-me os companheiros de prisão, era bastante para arrasar os nervos de qualquer um.

Nossa alimentação ia minguando com o correr das semanas. Chegamos





modernos... originais...



inquebráveis... laváveis...



leves... não machucam...



BRINQUEDOS

**FLEX-A**

 a marca  
que serve  
melhor

**Carioca**


À venda em tôdas as boas lojas...

a receber apenas uma xícara de arroz pela manhã e outra à tarde. O arroz vinha da China Comunista e era cheio de pedras. Parti três dentes mastigando-o. Todos nós éramos torturados pelas terríveis dores da fome; emagrecíamos. Notei um dia que o meu relógio dançava no pulso finíssimo.

Os 200 que éramos em cada *galera* vivíamos apertados como sardinhas em lata. O único sanitário que havia estava quase sempre com defeito. O fedor e a imundícia eram medonhos, e noite após noite os homens passavam horas tendo vômitos. Alguns prisioneiros antigos tinham enxêrgas e colchões, porém os recém-chegados como nós dormiam sem cobertores, no chão frio e úmido de pedra. Eu já não sou môço—tenho 49 anos—e isso foi para mim uma provação terrível; doíam-me todos os ossos do corpo. Além disso, em pouco tempo eu estava coberto de feridinhas deixadas pelas picadas dos percevejos. Os piolhos transmitiam tifo. Muitos adoeceram dessa terrível moléstia, tinham febre alta, porém nenhum era meditado.

Depois disso eu soube que reiteradamente a Cruz Vermelha Internacional pedira permissão a Castro para inspecionar as prisões. Mas êle sempre recusara.

Os guardas tratavam-nos de *gusanos*—vermes. Aprenderam êsse tratamento com o próprio Fidel Castro; inúmeras vêzes êle declarara em seus discursos que todos aquêles que



lhes faziam oposição eram “vermes a corroerem as bases da revolução gloriosa”. Profundamente doutrinados no comunismo, aqueles guardas ainda jovens, alguns de apenas 14 e 15 anos, odiavam-nos com a paixão de crianças ignorantes. Muitas vezes à noite, enquanto patrulhavam os muros, cantando a “Internacional” comunista, eles davam rajadas com as suas submetralhadoras para manter nossos nervos abalados.

Os serviços religiosos eram proibidos. Não obstante, grupos de prisioneiros católicos reuniam-se todos os domingos à noite, no fundo das galerias, para rezarem o têço. Eu sou protestante, mas assistia a essas práticas e encontrava conforto naquela singela devoção. O moral da maioria dos homens era surpreendentemente elevado—nem mesmo uma cadeia comunista é capaz de abater a boa disposição dos cubanos.

Depois de haver passado dois meses em La Cabaña, o mundo exterior parecia-me distante como a Lua. Outros norte-americanos tinham estado comigo na prisão, no começo, mas haviam sido todos libertados, exceto um homem que fôra condenado a 14 anos de prisão como “espião”, e que aguardava sua transferência para a Ilha dos Pinhos. Havia momentos em que eu até desejava igual sentença para mim. Pelo menos se dissiparia a dúvida sobre se eu iria morrer ou continuar vivendo. Enquanto isso, os interrogatórios prosseguiram.



bonitos... modernos



higiênicos... duráveis



inquebráveis... econômicos



Artigos domésticos

**FLEX-A**  
*Carioca*

para usar e durar



à venda em tôdas as boas lojas



—Nós não estamos realmente interessados em você—disse-me um dia um agente, mudando de tática.—Só queremos saber os nomes dos cubanos traidores que o ajudaram a espionar para o seu govêrno. Basta que você nos dê êsses nomes, e partirá no primeiro avião que levantar vôo para Miami.

Mandei-o para o inferno e nunca disse uma coisa com tanta convicção em tôda a minha vida.

Da sordidez e do sofrimento da vida na prisão alguns homens elevavam-se à nobreza. O Dr. José Reposo, dentista em Havana, tinha quase 70 anos de idade e saúde combatida, mas empregava os seus dias tratando dos dentes dos seus companheiros de prisão. Para isso êle e os seus “clientes” tinham de agachar-se no fundo da *galera*, onde a luz solar, penetrando pelas grades, podia iluminar a bôca do paciente. Tudo o que êle podia fazer era extrair-nos os dentes, e isso êle fazia freqüentemente e sem anestesia. O seu crime era ter visitado a Embaixada norte-americana várias vêzes para se informar sôbre o regulamento dos vistos em passaportes. Por isso fôra condenado a quatro anos de prisão. Mais tarde transferiram-no para a Ilha dos Pinhos, e soubemos que morrera não muito depois de ali chegar.

Houve magníficos exemplos de coragem entre os amigos que fiz no cárcere—homens que sabiam que o pelotão de fuzilamento os esperava, mas que nem por instante vacilaram

nas suas atitudes. Nunca esquecerei um jovem chamado Manuel Blanco. Fôra oficial de artilharia do exército, militar honrado, que nunca se envolvera nas violências nem na corrupção do govêrno de Batista. Quando Fidel Castro galgou o poder, convidaram-no a permanecer no exército, que êle continuou servindo com distinção. Depois, na crise de histerismo que sucedeu à invasão, acusaram-no de “contra-revolucionário” e jogaram-no nas masmorras de La Cabaña.

Manuel ensinou-me xadrez e, a seu pedido, ensinei-lhe inglês. Foi o melhor aluno que já tive: em dois meses falava quase fluentemente o nôvo idioma que aprendera. Costumávamos gracejar, dizendo que o modo mais rápido de aprender uma língua era ser trancafiado numa cela com o professor.

Havia também outro rapaz de quem dificilmente me esquecerei. Chamava-se Jorge Rojas. Vivia nos Estados Unidos, mas fôra colhido na limpa seguinte à invasão quando visitava a família, e acusaram-no de “contra-revolucionário”. Sendo um dos homens mais inteligentes que já conheci, Jorge discorria brilhantemente sôbre quase todos os assuntos. Lera havia pouco o livro do Presidente Kennedy intitulado *Perfil de Coragem*, e a leitura o impressionara profundamente. Êle acreditava que as pessoas deviam ser fiéis às próprias convicções, fôssem quais fôssem as conseqüências.

Um dia chamaram os dois, Jorge



e Manuel. Êste deixou a *galera* com passos firmes, militar até ao fim. Jorge demorou-se um pouco para oferecer-me como lembrança a sua medalhinha católica. Em seguida, partiu também. Nenhum dos dois completara ainda 30 anos. Muito depois soubemos que tinham sido “julgados”, levados ao paredão e fuzilados.

Na noite de 5 de setembro, quase cinco meses depois da minha prisão, meu nome foi chamado. Desanimado, reuni os meus pertences—um garfo e uma colher de pau, e a medalhinha de Jorge—e dirigi-me à secretaria da prisão. Em cima de uma mesa estava a ordem da G-2 autorizando a minha libertação. Não me deram qualquer explicação.

Saí da prisão e fui direto à Embaixada da Suíça. Os suíços receberam-me com alegria. Trouxeram-me meia galinha assada que mal toquei; era comida demais para mim. Ao mirar-me num espelho, exclamei:

“Meu Deus, isso é um homem de 70 anos!” Eu emagrecera 16 quilos e a fisionomia que me encarava do espelho era a de um estranho.

Quase dois meses esperei na Embaixada suíça que o govêrno de Fidel Castro autorizasse a minha saída do país. Finalmente, na manhã do dia 31 de outubro, embarquei num avião e voei sôbre o Mar das Antilhas, inundado de sol, com destino a Miami. Estava arruinado. Meu negócio, as economias que fizera durante tôda a minha vida, minha mobília, meu automóvel e minhas roupas, tudo fôra roubado pelo govêrno de Castro. Entretanto, foi um dos dias mais felizes da minha vida. Eu nunca me preocupara muito com a liberdade, acostumado a tê-la como coisa natural. Mas no instante em que o avião começou a baixar sôbre os palmares do Aeroporto Internacional de Miami senti, no fundo do meu coração, o que realmente significa ser livre.



### *Previsões Inexatas*

QUANDO foi aprovada a lei americana de impôsto de renda em 1941, um comentarista da época observou que seria “um círculo seletto, essa classe do impôsto de renda . . . no qual nenhum trabalhador comum pode ter esperança de penetrar”.

—Kermit McFarland, em *World-Telegram & Sun* de Nova York

O PRESIDENTE da Du Pont, C. H. Greenewalt, conta o caso de um líder cívico do comêço do século que encarava a evolução do automóvel como de grande vantagem para a segurança nas estradas, “porque livraria a sociedade de cavaleiros bêbedos e cavalos bravos.”

—*Challenge*, citado por John G. Bragaw, em *The State*